



ANÁLISE PERCEPTIVA DE ADOLESCENTES ACERCA DA TRANSSEXUALIDADE E O USO DESTES CONHECIMENTOS EM SALA DE AULA

Gabriel Vilar Kim. Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais
Campus Machado. Machado, Minas Gerais, Brasil. gabriel36kim@gmail.com.
(035) 99840-0581.

Eixos temáticos:
3-Educação e Diversidades

Resumo

Atualmente o tema “sexualidade” ainda é pouco desenvolvido em sala de aula, mesmo sendo tópico a ser desenvolvido nos currículos. Este trabalho analisa as percepções dos alunos do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais *Campus Machado* acerca da transexualidade e define um mapeamento das estereotipizações baseado nestas percepções. O trabalho ainda explana um pouco da relação da cultura regional com o preconceito sexual.

Palavras-chave: transexualidade, gênero, preconceito, docência, alunos, sala de aula, estereótipo.

1 INTRODUÇÃO

As salas de aula têm sentido urgência de mudança no seu sistema. Cada dia mais os estudos sociais mostram novos desafios que enfrentamos em sala de aula. A transexualidade, assim como as outras diversidades de gênero, ainda é um assunto muito delicado para se falar em sala de aula (baseado em convenções socioculturais). Os ideais estereotipados acerca destas diversidades criam um mito sobre essas classes, as mascarando com uma aparência patológica. O atual trabalho é resultado da coleta de dados acerca da percepção dos alunos do *Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Machado* sobre transexualidade.



2.1 REFERENCIAL

2.1 O AMBIENTE

Machado (no sul de minas gerais) é uma das poucas cidades que possuem um *Campus* do Instituto Federal que derivam de uma escola agrotécnica pré-estabelecida. Torna-se um ambiente interessante para se estudar as percepções dos alunos por possuir as seguintes características: 1) uma escola no interior do estado; 2) A diversidade de cursos; 3) é uma escola que atende várias cidades da região.

Partindo da premissa que o *Campus* analisado possui uma cultura regional muito forte, relevo os conceitos que são passados através de gerações acerca da homossexualidade para os jovens atuais, citando: “Os entrevistados [moradores do interior de minas gerais] apresentaram uma justificativa moralista para negar a prática homossexual, referindo-se de forma pejorativa ao homossexualismo. A conduta homossexual não é aceita nos meios sociais nos quais eles vivem. Nas falas dos participantes, há uma obrigação moral em sentir desejo por mulher”(MARTIN, 2007). Como pode-se observar no *campus*, mesmo tendo ultrapassado a barreira do preconceito evidente, a discriminação (mesmo velada) ainda se faz presente no dia a dia dos alunos homossexuais do instituto. Contudo, partindo tanto dos docentes quanto dos servidores, estes comportamentos são controlados, mesmo não significando a erradicação do preconceito.

Quando MARTIN (2002) diz: “A noção construída em torno da prática homossexual é a de um ato antinatural ou um desvio de normalidade, entendendo-se como normalidade a submissão às normas sociais estabelecidas”, esta ideia se perpetua, na região, através dos pais e avôs ou até mesmo de ideais ou religiões que condenam este comportamento. Isto porque surgem problemas na convivência humana, que são difundidos e assimilados por todos na sociedade, condicionados por “ideais” sociais, que determinam os modelos de acordo com os quais o sujeito deve agir (CRUZ, 2012).



2.2 TRANSSEXUALIDADE E DIVERSIDADE DE GÊNERO

“Ao voltarmos o nosso olhar para a dimensão histórica das relações entre homens e mulheres na sociedade brasileira não devemos pensar que estamos diante de peças de museu, sem a menor vinculação com o presente”(MADUREIRA, 2007). Por que então, ao falar-se de gênero, se pensa somente nas relações homem-mulher? Se aceitamos que o gênero e orientação sexual se diversificam, aceitar que a repetição de comportamentos e relações que envolvem gênero são também replicados durante todo curso da história concretiza-se. Eis um fato que recorre as notícias de todo dia: Crimes de transfobia, este tipo de comportamento que remete a séculos passados está sempre retornando sem ser devidamente punido.

Porém, reconhecer a existência destas diversidades e o modo como elas constantemente são passivas de mutação, não facilita na precaução de estereótipos criados acerca de toda esta massa cinzenta que existe entre o sexo masculino e feminino heteronormativo que vivenciamos no dia-a-dia. Ainda mais quando se afirma que os professores já trazem imagens pré-definidas dos seus alunos (OLIVEIRA; MORGADO, 2006), sexualidade não é mais algo apenas pessoal mas também construído ao longo da vida podendo ser influenciado por outros indivíduos, tornando-se um assunto sociocultural (LOURO, 1999).

Quando se fala de diversidade de gênero, devemos nos enquadrar em três percepções distintas: uma que compete a orientação sexual, outra que compete as identidades de gênero e outra que compete as percepções de gênero. Ambas as diversidades não necessariamente comunicam-se entre si. A exemplo, só por que um indivíduo é transexual, não quer dizer que necessariamente ele vai sentir atração pelo sexo oposto após a cirurgia de mudança de sexo.

Para definir este “pequeno” quadro, usa-se uma sigla genérica na qual incluem os maiores grupos de diversidade de gênero, LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais), esta sigla já passou por diversas mudanças através dos tempos e ainda muita (AMBRA, 2015).



3 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido com cinco turmas do ensino médio, duas cada um dos cursos técnicos em alimentos e informática e uma do curso de agropecuária. As turmas de alimentos eram compostas em maioria por meninas e a turma de agropecuária por meninos, enquanto o curso de informática apresentava um público mais balanceado.

Foi pedido que os alunos respondessem um questionário antes da aplicação da palestra: O que eles entendiam por transexualidade e se eles saberiam diferenciar um transexual de um travesti, em uma turma teste foi aplicado o questionário após a fala. Após o recolhimento dos questionários, deu-se início a fala.

Foi tratado um breve histórico das percepções sobre sexualidade através da história, as relações entre a biologia e o comportamento sexual também foram tratados, logo que: “Os conhecimentos sobre a sexualidade humana apresentam-se como frutos da sua construção sócio histórica e, os saberes construídos sobre a homossexualidade na contemporaneidade nascem inspirados pela ciência dita moderna” (ESPERANÇA; SILVA; NEVES, 2015).

Explanou-se também o significado de toda a sigla LGBT pela sua formatação mais aceita atualmente (ALGBTQIS) com enfoque na transexualidade, da qual falou-se sobre tratamento, diagnóstico e tabus sociais. Por fim, foram respondidos alguns questionamentos dos alunos. A presença do professor e a participação sua foi essencial para o bom desenvolvimento da dinâmica.

Os dados resultantes foram analisados e interpretados, levantando palavras chave e partindo delas foram retiradas as afirmativas mais comuns entre os estudantes

4 ANÁLISE DE DADOS

Observou-se que os alunos não conseguiam desassociar a identidade de gênero com a orientação sexual, mesmo na turma teste, onde os questionários foram aplicados após a fala, a dificuldade na diferenciação entre um trans-homo e um trans-hetero se tornava visível.

Através da contagem de termos repetidos e frases com o mesmo cunho e interpretação, foram retirados os seguintes dados:



-A média de alunos que não entendiam o que era a transexualidade nas turmas de agropecuária foi de 67,25%, enquanto nas turmas de alimentos a média foi de 58,88%.

-Os casos pontuais que envolviam religião e comportamento aversivo a transexualidade compuseram 1,97% do total de questionários aplicados.

-Os alunos que expressaram ter conhecimento sobre o assunto são 3,42%.

Em suma as afirmativas feitas eram de que transexualidade implicava diretamente em um comportamento homossexual, mesmo após a cirurgia (87,5%). Enquanto o travesti foi colocado como um indivíduo que possui comportamentos homossexuais e que “tem vontade” de ser do outro sexo, mas não realiza a cirurgia.

Os travestis também são colocados, pela maioria, como que “mudam de sexo durante a noite”, o fato da prostituição aparecer velada por estes estereótipos justifica-se por quando se suprime o preconceito, a aparição de afirmativas estereotipadas tornam-se mais recorrentes (BERNARDES, 2003). Seguindo a mesma argumentação, pode-se explicar todas as outras afirmações estereotipadas presentes nos questionários analisados.

A presença de afirmativas com envolvimento religioso foram baixas, mesmo em todas assumindo o mesmo formato de: “Este comportamento não condiz com a minha religião, contudo devemos respeitar”.

A visão do travesti e transexual foi representado nos questionários como homem que quer ser mulher, foram poucas pessoas que reconheceram a existência de transexuais homens (sexo feminino físico e o sexo masculino neural). Este tipo de comportamento é fortemente baseado no fato de que é mais mal visto socialmente um homem que “quer ser” mulher do que o vice-versa (AMBRA, 2015).

Observar a transexualidade como algo opcional, foi o argumento mais usado nos questionários. Enquanto o travesti era visto como um indivíduo que opta por se vestir como do sexo oposto.

Dentre todas afirmações, percebeu-se que o sistema educacional, mesmo incluindo a questão de gênero no currículo, trata do assunto de maneira precária. Isso mostra como o sistema e muitas vezes o corpo docente não está preparado para abordar estes temas em sala de aula (ALTMANN, 2013; LOURO, 1999; OLIVEIRA; MORGADO, 2006). A carência em literaturas que deem suporte para os



docentes em sala de aula dificulta a inclusão de dinâmicas que permitam o conhecimento dessas diversidades em sala de aula.

“A associação entre educação e diversidade sexual está inserida neste contexto de relações de poder instauradas a partir de produções discursivas e não discursivas sobre a sexualidade que, em outros momentos históricos, teve como atenção diferentes temas, como o onanismo, a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (DST's), a aids, as relações de gênero, a gravidez”(ALTMANN, 2013). Partindo desta lógica, os professores acabam por criar estereótipos sobre as diversidades de gênero e suas respectivas lutas. Resultando em na vedação de um preconceito banhado por uma falsa imagem de respeito, onde na verdade, baseiam suas aulas em dados científicos que não mostram dados atualizados e completos, criam um cenário perfeito para proliferação de generalizações genéricas e estereótipos.

Quanto a diversidade de cursos, conforme foram aplicadas as dinâmicas e as entrevistas foram feitas, apareceram certos traços específicos nas turmas estudadas, enquanto em turmas de ciências agrárias (Agropecuária) os questionamentos acerca das diversidades de gênero e a respeito das orientações sexuais foram constantes; as turmas do técnico em alimentos, o conhecimento acerca da sexualidade era mais forte.

“Enquanto indivíduos com baixo preconceito não se baseiam nos estereótipos quando escrevem descrições de um casal de homossexuais, indivíduos com alto preconceito baseiam-se no estereótipo na condição de supressão”(BERNARDES, 2003).

4 CONCLUSÃO

O sistema educacional ainda segue didáticas que são consideradas arcaicas, isso não quer dizer que não há espaço para discussões de gênero dentro de sala de aula. Se no ano de 2016 os crimes de transfobia e homofobia aumentaram e a base dos nossos valores éticos e morais vêm da escola, cada vez mais o papel da escola no combate destes crimes se torna maior.

Cabe então aos docentes quebrar cada um dos estereótipos criados acerca destas diversidades e se conscientizarem, impedindo a disseminação destes



estereótipos e a criação de preconceitos velados. Saber falar do corpo com os adolescentes e ajudá-los a se autodescobrir e aprender a respeitar as diferenças dos outros é o maior desafio do professor, aquele que sucede nesta atividade cria um melhor ambiente para os alunos vivenciarem com as diferenças (ALTMANN, 2013; DINIS, 2008; LOURO, 2000).

BIBLIOGRAFIA

ALTMANN, H. Diversidade Sexual E Educação: Desafios Para A Formação Docente. **Sexualidad , Salud y Sociedad**, n. 13, p. 69–82, 2013.

AMBRA, P. E. S. Gênero, Sexualidade E Política: Para Uma Crítica Psicanalítica Da Identidade. **Leitura Flutuante**, v. 1, n. 7, p. 10–29, 2015.

BERNARDES, D. L. G. Dizer « Não » Aos Estereótipos Sociais: As Ironias Do Controlo Mental. **Análise Psicológica**, v. 3, n. 21, p. 307–321, 2003.

CRUZ, M. H. S. Refletindo Sobre A Diversidade De Gênero No Campo Da Educação. **Saberes Em Perspectiva**, v. 2, n. 2, p. 13–32, 2012.

DINIS, N. F. EDUCAÇÃO, Relações De Gênero E Diversidade Sexual. **Educ. Soc.**, v. 29, n. 103, p. 477–492, 2008.

ESPERANÇA, Â. C.; SILVA, I. R.; Neves, A. L. M. Significados E Sentidos Sobre Homossexualidade Entre Docentes: Uma Análise Sócio-Histórica. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 739–749, 2015.

LOURO, G. L. Pedagogias Da Sexualidade. **Belo Horizonte Autêntica**, v. 7, n. 34, 1999.

LOURO, G. L. Corpo, Escola E Identidade. **Educação & Realidade**, v. 2, n. 25, p. 59–76, 2000.

MADUREIRA, A. F. A. **GÊNERO , SEXUALIDADE E DIVERSIDADE NA ESCOLA : A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DEMOCRÁTICA**. Universidade de Brasília, 2007.

MARTIN, D. Aids Em Área Rural De Minas Gerais: Abordagem Cultural. **Rev Saúde Pública**, v. 41, n. 3, p. 1–7, 2007.

OLIVEIRA, M. R. DOS A.; MORGADO, M. A. Jovens, Sexualidade E Educação: Homossexualidade No Espaço Escolar. **Gênero, Sexualidade e Educação**, n. 23, p. 1–14, 2006.